

Vivência do preconceito e construção da identidade para homens homoafetivos¹

Experiences of prejudice and identity construction for homosexual men

Aline Aparecida Rabelo²

Adriano Roberto Afonso do Nascimento³

RESUMO: Esse trabalho teve como objetivo compreender a vivência de homens homoafetivos com relação ao preconceito e à discriminação. Realizamos entrevistas individuais semi-estruturadas com sete homens homoafetivos. Os dados foram organizados segundo a perspectiva fenomenológica e analisados a partir da Teoria da Identidade Social. Os resultados mostram que todos os entrevistados assumem no dia a dia uma postura de ocultamento da homoafetividade como estratégia de convivência social com os heterossexuais. Tal estratégia encontra-se aliada a processos de diferenciação social relativos ao grupo heterossexual e ao grupo, denominado por eles, como afeminado. No contexto dessas relações intergrupo, os entrevistados negociam suas referências identitárias a partir da vivência cotidiana de sua homoafetividade e das expectativas sociais relacionadas a padrões mais tradicionais de masculinidade.

Palavras-chave: identidade social; homossexualidade; preconceito; masculinidade; psicologia social.

ABSTRACT: This study aims at understanding the experience of homosexual men in relation to prejudice and discrimination. We conducted semi-structured individual interviews with seven homosexual men. The data were organized according to the phenomenological perspective and analyzed from the Social Identity Theory. The results demonstrate that all respondents take on a daily attitude of concealment of a homo as a strategy for social interaction with heterosexuals. That strategy is combined with social differentiation processes related to the heterosexual group and to the group, identified by them as effeminate. In the context of these intergroup relations, respondents negotiate their identity references from their daily homo experience and the social expectations related to more traditional patterns of masculinity.

Keywords: social identity; homosexuality; prejudice; masculinity; social psychology.

Introdução

Ainda são frequentes, nos meios de comunicação, relatos de casos de violência física contra pessoas homoeroticamente orientadas (Carvalho, 2012; Leal & Carvalho, 2012)⁴. Tal

¹ Este artigo trata-se de relato proveniente da dissertação "*Sendo o que se pode ser*": vivência do preconceito, ocultamento e construção da identidade para homens homoafetivos, de Aline Aparecida Rabelo, defendida em 2009 junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais.

² Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais – Minas Gerais, Brasil. E-mail: alinerabelo79@yahoo.com.br.

³ Doutor em Psicologia; Professor Associado do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais – Minas Gerais, Brasil.

⁴ Segundo Borrillo (2010), "a orientação sexual é uma componente da sexualidade enquanto conjunto de comportamentos relacionados com a pulsão sexual e com sua concretização. Se a atração sexual é dirigida para pessoas do mesmo sexo, designamos tal orientação por 'homossexualidade'; se ela se inclina para o sexo oposto, trata-se de 'heterossexualidade'; e, ainda, de 'bissexualidade', se o sexo do parceiro é indiferente" (p. 23).

fato tem ajudado a reiterar a percepção geral de que os comportamentos discriminatórios contra essas pessoas são ainda, em nossa sociedade, abertos e pouco combatidos, mesmo que resultem não poucas vezes na morte do discriminado (Mott, 2000).

Essa percepção, de forma evidente, traz consequências importantes para o cotidiano daqueles que se identificam e/ou são identificados como homoafetivos⁵. Nesse contexto francamente homofóbico⁶, uma das estratégias mais utilizadas por esses indivíduos em suas relações sociais é o ocultamento dessa parte de sua identidade (Madureira & Branco, 2007) ou, em outros termos, o aprendizado/exercício de uma pedagogia do “armário” (Sedgwick, 2007; Prado & Junqueira, 2011). Entretanto, viver nessa condição de ocultamento gera, com frequência, um sofrimento psíquico alimentado, principalmente, nas relações com familiares, amigos e colegas de trabalho (Seffner, 2011). Assim, mesmo considerando a existência de uma complexa rede de elementos psicossociais que podem resultar em diferentes percepções, avaliações e estratégias de ação possíveis adotadas por esses sujeitos (Crocker & Quinn, 2004), parece evidente que tal diversidade seja um conjunto de respostas a um determinado contexto mais abrangente que é sobretudo discriminatório.

Nesse sentido, este trabalho parte da percepção de que tal contexto encontra-se fortemente baseado em construções culturais associadas à hegemonia de uma forma de masculinidade que, para manter a sua identidade positiva e dominante, se utiliza da inferiorização e desvalorização de características opostas às suas e impostas a determinados grupos, como às mulheres e às pessoas homoafetivas (Kimmel, 1995, 1998).

Para Kimmel (1998), a nova versão de masculinidade surgida no início do século XIX, e que se tornou hegemônica no século XX, se caracteriza pela instabilidade, ansiedade e pela exigência constante de autoafirmação por parte daqueles que se consideram ou que são considerados homens. Essa versão se tornou hegemônica utilizando três principais estratégias: o autocontrole, a fuga da vida comum, como para o exército, e a desvalorização da feminilidade e de outras masculinidades. Segundo este autor, a principal característica desta nova masculinidade é a necessidade constante e compulsiva de provar e demonstrar virilidade.

Segundo Connel (1995), podemos entender a masculinidade como uma posição nas relações de gênero e, ao mesmo tempo, como as práticas através das quais homens e mulheres se comprometem com esta posição e os efeitos destas práticas nos corpos, nas personalidades e nas culturas. Nesse sentido, a chamada “masculinidade hegemônica” é constituída por aquele grupo que assume e sustenta uma posição de referência em momento histórico e contexto social determinados. Assim, “a masculinidade hegemônica

⁵ No momento, não nos deteremos na polêmica de designações utilizadas para se referir às pessoas que se envolvem sexualmente e afetivamente com parceiros do mesmo sexo. Optamos pelo uso, ao longo do texto, do termo homoafetivo, mas, eventualmente, utilizaremos outras designações em respeito às escolhas dos autores citados. Também vale a pena esclarecer que, para não prejudicar a fluidez do texto, não usaremos a variação os(as), o que não indica que não reconhecemos as diferenças entre homoafetivos e homoafetivas.

⁶ “A homofobia pode ser definida como a hostilidade geral, psicológica e social contra aqueles e aquelas que, supostamente, sentem desejo ou têm práticas sexuais com indivíduos de seu próprio sexo. Forma específica de sexismo, a homofobia rejeita, igualmente, todos aqueles que não se conformam com o papel predeterminado para seu sexo biológico. Construção ideológica que consiste na promoção constante de uma forma de sexualidade (hétero) em detrimento de outra (homo), a homofobia organiza uma hierarquização das sexualidades e, dessa postura, extrai consequências políticas” (Borrillo, 2010, p. 34).

não é um tipo de caráter fixo, o mesmo sempre e em todas as partes. É a masculinidade que ocupa a posição hegemônica num modelo dado de relações de gênero, uma posição sempre disputada” (Connell, 1995, p. 11). Ela é também, portanto, o resultado sempre provisório de um embate entre grupos sociais concretos (Connell & Messerschmidt, 2013).

No campo da Psicologia Social, a Teoria da Identidade Social apresenta uma forma de abordar essas relações intergrupais, incluindo questões simbólicas que auxiliam no entendimento das estratégias de dominação de um grupo sobre outro (Worchel & Coutant, 2004; Beauvois, Deschamps & Schadron, 2005; Torres & Camino, 2011).

Segundo Tajfel (1983), a Identidade Social refere-se à parcela do autoconceito proveniente da pertença a um determinado grupo. Pertencer a um determinado grupo implica compartilhar valores, hábitos, regras e crenças e conviver com outros grupos com diferentes posicionamentos. Assim, de forma mais específica, a Identidade Social pode ser entendida como as consequências, para o indivíduo, relativas a esse compartilhamento e às diferenciações que, a partir do processo de comparação social, justificam e organizam os grupos sociais de uma determinada sociedade.

Os resultados da comparação social podem favorecer a permanência do indivíduo em um grupo, em situações nas quais este grupo contribua, de alguma maneira, para a construção de uma identidade positiva desse indivíduo. Caso contrário, o indivíduo poderá abandoná-lo, a menos que isso seja muito difícil ou impossível. Neste contexto, a permanência em um grupo que reforce em demasia uma identidade negativa pode levar o indivíduo a duas ações: reinterpretar as características desvalorizadas em termos positivos ou implicar-se numa transformação da situação social mais ampla.

Assim, pode-se dizer que a positividade ou negatividade da Identidade Social determinará em algum grau a necessidade ou não de mudança de grupo por um indivíduo (mobilidade social) ou de mudança da situação (mudança social). Entretanto, a pré-condição para que determinado grupo que se encontra em situação menos favorável se mobilize na direção da mudança é a percepção da ilegitimidade e da instabilidade das relações intergrupo. Em alguns contextos, este processo leva, por um lado, os grupos “dominantes” a uma constante criação de estratégias para manter e reforçar a situação de dominação e, por outro, os grupos “dominados” a tentar mudar a situação, quando se tem a consciência de que a situação possa ser mudada.

Contribuições posteriores a essas proposições têm indicado que os conteúdos simbólicos utilizados nos processos de comparação e diferenciação entre grupos são selecionados em função do contexto da relação, ou seja, os traços selecionados são aqueles que mais provavelmente reforçarão a dominação de um grupo pelo outro. Assim, é necessário analisar as condições específicas de onde esses conteúdos emergem para melhor compreensão das relações entre grupos específicos (Deschamps & Moliner, 2009). Também mais recentemente, temos a proposição de dois conceitos que permitem a abordagem das relações intergrupo em seus vínculos com a identidade social no contexto de relações assimétricas. São eles o “grupo coleção” e o grupo “agregado” (Amâncio, 2004). Ao primeiro grupo seriam atribuídas características como homogêneo e despersonalizado, sendo esse grupo entendido como constituído por um conjunto de pessoas dependentes entre si (grupo agregado). Aos dominantes as características atribuídas são: independência, distintividade e

individualidade, sendo vistos, portanto, como uma coleção de pessoas que constroem, de forma autônoma, seu próprio destino (grupo coleção) (Lorenzi-Cioldi, 2002, 2003).

Vale a pena mencionar aqui que esse conjunto mais recente de contribuições à Teoria da Identidade Social é fruto de investigações sobre as diferenças entre sexos e gêneros, uma vez que essas diferenças são encontradas em grande parte das sociedades atuais e são um exemplo histórico de como as relações de dominação entre grupos se desenvolvem e se mantêm.

Considerando o conjunto de informações até aqui apresentadas, o objetivo do presente trabalho foi analisar como homens que se declaram homoafetivos identificam, descrevem e avaliam: a) concepções e práticas discriminatórias baseadas na diferenciação homossexual/heterossexual; b) o impacto que essas concepções e práticas têm no seu cotidiano e; c) as estratégias de aceitação e resistência individuais e grupais frente a essas mesmas concepções e práticas.

Método

A partir de entrevistas individuais foram construídas histórias de homens que, na infância ou adolescência, perceberam que sentiam atração afetiva e/ou sexual por outros homens. Foram entrevistados, no primeiro semestre de 2007, sete homens com idade entre 20 e 32 anos, moradores de um município do interior do estado de Minas Gerais. Com exceção de um, o mais novo, todos possuíam trabalho fixo e terceiro grau completo ou em andamento, o que demonstra certo grau de homogeneidade no grupo. O roteiro semiestruturado utilizado nas entrevistas foi elaborado com os seguintes blocos temáticos: identificação, descoberta da orientação sexual, relacionamentos, diferenciação homo/heterossexuais (preconceito, discriminação, estratégias e autoconceito), estratégias cotidianas de enfrentamento do preconceito. Todas as entrevistas foram gravadas, com a devida autorização dos entrevistados, e transcritas. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais, parecer nº 239/08, atendendo à Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

Os dados coletados foram organizados e interpretados segundo o método fenomenológico para a pesquisa empírica em psicologia (Smith & Eatough, 2010; Giorgi, 2008; Trindade, Menandro & Gianordoli-Nascimento, 2007).

A primeira etapa de análise de dados consistiu na transcrição das entrevistas de forma a registrar em detalhes as falas gravadas, incluindo as manifestações de sentimentos e gestos, como choro, risos, etc. Em seguida, realizou-se o estudo exaustivo destas transcrições com o objetivo de levantar as unidades de significado, ou seja, as unidades de sentido comuns a todos os relatos, que permitiram entender os fundamentos próprios daquela experiência em foco. Logo em seguida, realizou-se a distribuição das falas dos entrevistados de acordo com as unidades de significado citadas acima. Na última etapa da análise, efetuou-se a padronização da linguagem, transcrevendo as falas de cada unidade de significado para a terceira pessoa, priorizando-se a idéia central. Para garantir uma maior fidelidade às falas dos entrevistados, mantivemos algumas transcrições literais, que podem permitir uma aproximação maior com a vivência dos entrevistados. Por fim, as unidades de

significado foram transformadas em um texto único denominado de “estrutura”, no qual são articulados os aspectos mais significativos da vivência do fenômeno.

Resultados⁷

Comparação e diferenciação intergrupos: negociando referências

Foram observadas nas entrevistas realizadas duas principais diferenciações intergrupos. A primeira diferenciação articula-se a partir das referências discretos e afeminados. A segunda contempla as referências homossexuais e heterossexuais. Trata-se, teoricamente, como veremos, de uma variação da extensão do grupo nós (in-group): a) mais restrito, quando são consideradas as referências discretos x afeminados; b) mais amplo, quando são consideradas as referências homossexuais x heterossexuais. Passaremos, a seguir, à apresentação de cada uma dessas diferenciações para, em um momento posterior, considera-las em sua articulação.

Discretos x afeminados

No geral, os sujeitos enfatizaram, durante as entrevistas, a existência de duas formas de posicionamento dos homossexuais, uma discreta, como a deles, e a outra dos gays afeminados que se vestem, andam e falam como mulheres. Ainda segundo os entrevistados, a essa diferenciação encontra-se associada a percepção social mais ampla da existência de uma ligação entre esses últimos (afeminados), à promiscuidade e à criminalidade. Nesse sentido, por exemplo, Brito (22 anos, superior incompleto) afirma:

Tem homossexual, por exemplo, que é aquele homossexual só de identidade, mesmo, porque gosta do mesmo sexo, igual meu caso. Tem aquele homossexual que quer ser mulher, entendeu? [...] Então, esses afeminados, esses gays assim que quer ser mulher mesmo, eles só pensam na questão de facilidade, quer ter quantidade de homem, quer isso mesmo, do prazer.

Os comentários maliciosos, chacotas e piadas dirigidas aos gays, mais especificamente aos gays afeminados, constantemente testemunhados, são, segundo os entrevistados, estratégias sociais para a manutenção dessa diferenciação. Nesse mesmo sentido, citam, também, as caricaturas veiculadas em programas humorísticos como a reiteração do estereótipo do homossexual. Segundo os entrevistados, o comportamento exagerado, o travestismo e a promiscuidade são os principais responsáveis pela existência do preconceito contra todo o grupo de homossexuais.

Homossexuais x heterossexuais

Percebemos que a diferenciação entre discretos e afeminados foi a mais recorrente nas entrevistas realizadas. Entretanto, uma segunda diferenciação, como vimos, foi considerada significativa: aquela existente entre homossexuais e heterossexuais.

⁷ Com o objetivo de garantir o anonimato dos entrevistados, utilizaremos nomes fictícios para a identificação dos trechos das entrevistas que serão apresentados.

A diferenciação significativa entre homossexuais e heterossexuais é sustentada, segundo os entrevistados, por uma cultura que define comportamentos específicos para homens e mulheres. São recorrentes nas entrevistas relatos de situações percebidas como conflitivas nas quais os entrevistados perceberam uma orientação sexual não condizente com os padrões de comportamento heteronormativos. Um dos entrevistados cita: “Futebol, eu sempre fiquei meio receoso, mas eu brincava, mas não pelo fato assim, é muito complexo, assim, rotula, de certa forma, o futebol como de homem e eu ficava meio apreensivo” (Benício, 28 anos, superior incompleto).

Se é verdade que tais situações são eventualmente vivenciadas também por homens e mulheres heterossexuais que, por ventura, se interessem por atividades consideradas socialmente como específicas do sexo oposto (como, por exemplo, balé, decoração ou o já mencionado futebol), para os homens homoafetivos entrevistados esses padrões os deixam, a princípio, sem referência de como devem agir, já que, na maioria dos contextos, tal “inadequação” é cercada por muitos preconceitos (Castañeda, 2007; Sedgwick, 2007).

Ocultamento e revelação: negociando referências no cotidiano

Veremos agora como os entrevistados percebem essas diferenciações em algumas esferas cotidianas e quais são as ações delas resultantes.

Conforme um dos entrevistados, é próprio dos homossexuais almejarem e alcançarem sucesso profissional, talvez como uma forma de superar o preconceito pelo qual passam: “Talvez pela questão desse preconceito, talvez incentiva a gente correr atrás e conseguir, né?” (Bill, 35 anos, superior completo). O sucesso profissional, a autonomia financeira e a postura ativa são, segundo os entrevistados, elementos bastante valorizados tanto para homens heterossexuais quanto para homens homoafetivos. A partir dessa constatação, há discordância quanto à diferenciação entre essas duas referências, já que os dois grupos valorizam as mesmas ideias. Mais do que isso, alguns percebem que essas ideias encontram-se mais presentes no grupo de homens homoafetivos: “Eu acho que o homo ele é bem mais tratado quando ele impõe o seu respeito. Porque o homo no fundo ele é homem, ele é homem, que eu acho que um homem não faria o que um homo faz” (Bira, 30 anos, superior incompleto). Observa-se aqui que o critério da heterossexualidade, que se revela no cotidiano desses sujeitos como a base classificatória subjacente ao preconceito e à discriminação a eles dirigidos, tem a sua importância relativizada. Entretanto, nesse processo, ao procurarem desconsiderar a prática sexual como critério válido de comparação, os entrevistados sobrevalorizam justamente outros atributos considerados tradicionalmente como masculinos (competitividade, esforço, sucesso).

A forma de relação estabelecida entre os entrevistados e suas famílias apresenta semelhanças. Todos possuem uma relação de afastamento com os familiares quando se trata de assuntos afetivo-sexuais. Em quatro casos houve uma única conversa com os pais sobre a orientação sexual e, a partir daí, o assunto passou a ser evitado: “Com meu pai e com meu irmão, como é que eu posso dizer, eu não tenho um relacionamento com eles dois, a não ser, acho que o máximo que eu converso é ‘oi’, ‘tudo bem?’ ‘tchau’” (Beto, 20 anos, segundo grau incompleto). Nos outros três casos, nunca houve algum tipo de conversa com a família, mas é possível que os pais saibam ou desconfiem da orientação homoafetiva dos filhos. Além do silêncio estabelecido nas relações familiares, foi comum o relato de

comentários irônicos e esnobes feitos por familiares sobre a orientação sexual dos entrevistados.

Com relação às amizades, percebe-se uma escolha bem definida sobre com quem querem compartilhar momentos de lazer e com quem não. Todos relataram procurar conviver com outros homens que pensam e se comportam como eles, de forma discreta e sem “levantar bandeira”. Em grupos que desconhecem a orientação sexual dos entrevistados, há dificuldades em algumas situações, como a descrita por Bino (28 anos, superior incompleto): “Porque, às vezes, as pessoas estão reunidas e contam de relacionamento, de encontros e tal e a gente não pode contar, quando a gente tá em lugares que não sabem. Só que acabam angustiando, mas nada que vá prejudicar psicologicamente, não”.

A maioria dos entrevistados menciona o esforço constante para evitar que gestos, jeitos de falar, de andar e de se vestir denunciem a sua orientação sexual e os associem ao grupo afeminado. Percebemos isso, por exemplo, na fala de Benício (28 anos, superior incompleto): “Eu não posso, sabe, me enquadrar dentro do meio social que, de certa forma, é o que evidenciava. Então, eu sempre me políci, né, de não dar nenhuma escorregada”.

Outra estratégia citada por alguns entrevistados para o ocultamento de sua orientação sexual é evitar relações próximas com gays afeminados: “Eu tenho amigos próximos, também, que são espalhafatosos. Mas, assim, eu não tenho coragem, dói falar, mas eu não tenho coragem de sair em lugar público com eles” (Bill, 35 anos, superior completo).

A necessidade dessa vigília constante, por parte dos entrevistados, é percebida como desgastante e cruel:

Eu tenho medo, medo normal [...] Mas eu não gosto de ter, de ter esse receio, de viver com medo, ou agir por pressão. Eu não gosto, eu nunca gostei disso. Se eu tenho de fazer, é porque eu tenho obrigação de fazer isso, por isso que eu me exijo muito, antes que alguém me peça alguma coisa. Então, eu tento prever o máximo de situações pra não ser cobrado (Benício, 28 anos, superior incompleto).

Minha vida foi sempre mentira em relação a isso. Eu acho que acabei entrando em depressão porque eu não queria mentir. Eu via assim, em algumas famílias, que eu via o pai que apoiava o filho a namorar. Acho que eu sempre quis isso e nunca pude, entendeu? (Beto, 20 anos, segundo grau incompleto).

Todos os entrevistados dizem não se sentirem à vontade em manifestar comportamentos carinhosos com seus parceiros em ambientes públicos. Esta questão aparece em todas as entrevistas, seja considerada como dificuldade, seja vista como forma valorizada de comportamento no meio. Todos relatam a expectativa de que, algum dia, possam agir publicamente sem tantos cuidados, como Bino (28 anos, superior incompleto): “espero poder passear de mão dada, mostrar a cara onde estiver. Igual eu adoro ir pro Parque Municipal, às vezes, ficar olhando a lagoa, tomar um sorvete ali e às vezes a gente podia tá abraçado ou no colo, deitado na grama, no colo, alguma coisa assim, porque hoje não pode.”

Passaremos, a seguir, à discussão desse conjunto de informações.

Discussão

O ocultamento da orientação sexual é estratégia bastante recorrente entre muitos homoafetivos em parte considerável de suas interações cotidianas. Segundo Prado e

Machado (2008), “um elemento intrínseco ao preconceito sexual é a prática do silêncio e da dissimulação” (Prado & Machado, 2008, p. 25). Segundo Sell (2006), assim que o indivíduo percebe a sua orientação homoafetiva, já começa a procurar meios de ocultamento que passarão a ser constantes em suas relações interpessoais. Este esconde-esconde começa, geralmente, com a própria família e se expande para as relações de trabalho, amigos, etc.

Foi possível identificar o receio da revelação da orientação sexual em todas as entrevistas. Direta ou indiretamente os entrevistados falaram sobre o medo e a insegurança vividos em função da possibilidade de serem flagrados como homoafetivos e sofrerem, por isso, alguma forma de discriminação. Como resultados dessa estratégia de ocultamento, os sujeitos identificam a dificuldade em manter relacionamentos duradouros, a frieza na expressão de sentimentos, o afastamento físico e emocional do núcleo familiar, a exigência exacerbada no desempenho profissional e intelectual e o policiamento na expressão de gestos e pensamentos nas relações cotidianas. Nesse sentido, percebe-se a existência de um processo contínuo de avaliação, por parte dos sujeitos, entre os custos pessoais do ocultamento e da revelação.

Pesa, sobretudo na direção da manutenção do ocultamento, sem dúvida, o medo de ser identificado com o grupo afeminado. Disso resulta o que alguns autores e autoras têm nomeado como “homofobia interiorizada” (Borrillo, 2010), ou seja, a discriminação de um determinado (sub)grupo através dos mesmos critérios utilizados para a exclusão do próprio grupo mais extenso. Tal processo já havia sido identificado, entre outros, por Guimarães (2004), em trabalho realizado na Década de 1970, no Rio de Janeiro/RJ. Segundo a autora:

A trajetória comumente estabelecida – de homossexual “enrustido” no “mundo heterossexual” para “assumido” – significou, para alguns, a expressão da categoria homossexual estereotipada. O comportamento e as atitudes, tanto sociais como sexuais, reproduzem a forma caricatural do papel de gênero feminino – o efeminado. O “ser homossexual” mostra-se visível – na forma e no conteúdo da fala, nos gestos e nas roupas – como uma declaração pública da identidade homossexual “assumida”. Na prática sexual, adota-se o papel “passivo”. De “quem dá”, “próprio” da mulher (p. 57).

Segundo Deschamps e Moliner (2009), os conteúdos simbólicos utilizados nos processos de diferenciação entre grupos são selecionados em função do contexto, que estabelece a escolha de traços que favorecem a dominação de um grupo sobre o outro. Nesse sentido, os atributos do modelo de masculinidade atualmente em voga (Kimmel, 1998; Connel & Messerschmidt, 2013) servem como balizas mais gerais para a comparação intergrupos, tanto no caso dos discretos x afeminados, quanto no caso dos homossexuais x heterossexuais. No caso do presente estudo, percebe-se que a diferenciação constante estabelecida pelos entrevistados entre discretos e afeminados reitera, por fim, a diferenciação questionada entre homossexuais e heterossexuais.

De acordo com Lorenzi-Cioldi (2002, 2003), como já dissemos, existe uma assimetria simbólica entre grupos dominados e dominantes, onde aos primeiros são atribuídas características de independência e autonomia (grupo coleção) e, aos segundos, de dependência e despersonalização (grupo agregado), reforçando uma assimetria que beneficia os dominantes. Conforme este autor, poderíamos definir o grupo entrevistado como grupo coleção que se caracteriza pela independência, distinção pessoal e individualidade de seus membros, embora façam parte de um grupo minoritário que é visto pela sociedade em geral como um grupo agregado, daí a força que os estereótipos possuem na concepção do homoafetivo na sociedade hoje. Verifica-se uma generalização e uma

homogeneização dos indivíduos desta categoria na caricatura do gay afeminado, promíscuo e barraqueiro, conforme entendido pelos entrevistados. Os entrevistados possuem uma percepção de grupo dominante, mas são avaliados pela sociedade como grupo dominado.

No conjunto do presente estudo, o manejo articulado de dois critérios de referência serve para intensificar ou diminuir a diferenciação inter-grupo segundo o contexto de comparação. O primeiro critério seria a prática sexual como elemento de definição dos grupos (homossexuais x heterossexuais). O segundo critério refere-se ao comportamento externalizado (discretos x afeminados).

Conforme Tajfel (1983) nos apresenta em sua teoria da Identidade Social, a principal estratégia utilizada por este grupo específico é o mascaramento do atributo rejeitado pela maioria e identificador de pertença ao grupo minoritário, ou seja, o ocultamento da orientação sexual. Assim, eles esperam ser reconhecidos, pelo meio social, com a mesma “medida” do heterossexual. Isso só é possível porque os entrevistados consideram a existência de alguma instabilidade na diferenciação entre homossexuais e heterossexuais à medida que a própria categoria estereotipada homossexuais pode ser entendida como vinculada, especialmente, a uma subcategoria de homossexuais afeminados. Nesse contexto, a exclusão das características afeminadas permitiria o próprio questionamento dos critérios de diferenciação entre o grupo de entrevistados e o conjunto de heterossexuais. Desta forma, os sujeitos acreditam que, ao se posicionarem de forma diferenciada em relação a essa subcategoria e manterem discrição na forma de vivenciar as suas relações homoafetivas, seria possível evitar a discriminação.

As interações do dia a dia, na família, no trabalho e entre os amigos, por exemplo, caracterizam a vivência prática das diferenciações identificadas pelos entrevistados e analisadas neste estudo. Pudemos exemplificar através destas vivências a forma como a identidade influencia e é influenciada pelas relações intergrupos nas quais o indivíduo se insere, particularmente em um contexto francamente homofóbico.

Gostaríamos de concluir esse relato reiterando a nossa avaliação sobre a contribuição que os estudos de psicologia social, particularmente aqueles interessados nos processos identitários, podem oferecer às políticas públicas de combate à homofobia. Entendemos que a compreensão das estratégias cotidianas utilizadas por pessoas que vivem em contextos discriminatórios pode permitir uma ação mais efetiva nesse combate, pois permite a identificação da intrincada rede de concepções e práticas de exclusão mais amplamente legitimadas bem como os nós que ainda garantem, infelizmente, a perpetuação dessa rede. Diante do foi aqui apresentado, percebemos como realmente necessária a proposição de mecanismos sociais que permitam um combate efetivo à homofobia, considerando-se de forma efetiva que a questão dos direitos sexuais deve ser tratada, como defende Almeida (2010), no contexto da discussão sobre os direitos humanos universais.

Referências

- Almeida, M. V. (2010). *A chave do armário. Homossexualidade. Casamento. Família*. Florianópolis: EdUFSC.
- Amâncio, L. (2004). Identidade Social e Relações Intergrupais. Em J. Vala & M. B. Monteiro (Orgs.). *Psicologia Social* (6a ed.) (pp. 387-400). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Beauvois, J. L., Deschamps, J. C., & Schadron, G. (2005). Vers la Cognition Sociale. Em N. Dubois (Org.). *Psychologie sociale de la cognition* (pp. 5-88). Paris: Dunod.
- Borrillo, D. (2010). *Homofobia. História e crítica de um conceito*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Carvalho, C. A. (2012). *Jornalismo, homofobia e relações de gênero*. Curitiba: Appris.
- Castañeda, M. (2007). *A Experiência Homossexual. Explicações e conselhos para os homossexuais, suas família e seus terapeutas*. São Paulo: A Girafa.
- Connel, R. W. (1995). La organización social de la masculinidad. Em T. Valdes & J. Olavarria (Orgs.). *Maculinidad/es: poder y crisis* (pp. 31-48). Santiago: ISIS-FLASCO.
- Connell, R. W., & Messerschmidt, J. W. (2013). Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas*, 21(1), 241-282.
- Crocker, J., & Quinn, D. M. (2004). Psychological consequences of devalued identities. Em M. B. Brener & M. Hewstone (Orgs.). *Self and social identity* (pp. 124-142). Oxford: Blackwell.
- Deschamps, J. C., & Moliner, P. (2009). *A identidade em Psicologia Social: dos processos identitários às representações sociais*. Petrópolis: Vozes.
- Giorgi, A. (2008). Sobre o método fenomenológico utilizado como modo de pesquisa qualitativa nas ciências humanas: teoria, prática e avaliação. Em J. Poupard, J-P. Deslauries, L-H. Groulx, A. Laperrière, R. Mayer & A. P. Pires (Orgs.). *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos* (pp. 386-409). Petrópolis: Vozes.
- Guimarães, C. D. (2004). *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Kimmel, M. (1995). Homofobia, temor, verguenza y silencio em la identidad masculina. Em T. Valdes & J. Olavarria (Orgs.). *Masculinidad/es: poder y crisis* (pp. 49-62). Santiago: ISIS-FLASCO.
- Kimmel, M. (1998). A produção de masculinidades hegemônicas e subalternas. *Horizontes Antropológicos*, 4(9), 103-117.
- Leal, B. S., & Carvalho, C. A. (2012). *Jornalismo e homofobia no Brasil: mapeamento e reflexões*. São Paulo: Intermeios.
- Lorenzi-Cioldi, F. (2002). *Les représentations des groupes dominants et dominés: collections et agrégats*. Grenoble: PUG.
- Lorenzi-Cioldi, F. (2003). A respeito da dominação nas relações entre grupos. Em M. L. Lima, P. Castro & M. Garrido (Orgs.). *Temas e debates em Psicologia Social* (pp. 93-110). Lisboa: Livros Horizonte.
- Madureira, A. F., & Branco, A. M. (2007). Identidades sexuais não-hegemônicas: processos identitários e estratégias para lidar com o preconceito. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(1), 81-90.
- Mott, L. (2000). Os homossexuais: as vítimas principais da violência. Em G. Velho & M. Alvito (Orgs.). *Cidadania e Violência* (pp. 100-147). Rio de Janeiro: FGV.
- Prado, M. A. M., & Junqueira, R. D. (2011). Homofobia, hierarquização e humilhação social. Em G. Venturi & V. Bokany (Orgs.). *Diversidade Sexual e Homofobia no Brasil* (pp. 51-71). São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- Prado, M. A. M., & Machado, F. V. (2008). *Preconceito contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade*. São Paulo: Cortez.
- Sedgwick, E. K. (2007). A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*, 28, 19-54.
- Seffner, F. (2011). Identidade de gênero, orientação sexual e vulnerabilidade social: pensando algumas situações brasileiras. Em G. Venturi & V. Bokany (Orgs.). *Diversidade Sexual e Homofobia no Brasil* (pp. 39-50). São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- Sell, T. (2006). *Identidade homossexual e normas sociais: histórias de vida*. Florianópolis: UFSC.
- Smith, J. A., & Eatough, V. (2010). Análise Fenomenológica Interpretativa. Em G. M. Breakwell, C. Fife-Schaw, S. Hammond & J. A. Smith (Orgs.). *Métodos de Pesquisa em Psicologia* (pp. 321-339). Porto Alegre: Artmed.
- Tajfel, H. (1983). *Grupos humanos e categorias sociais* (Vol. 2). Lisboa: Livros Horizonte.

- Torres, A. R. R., & Camino, L. (2011). Grupo social, relações intergrupais e identidade social. Em L. Camino, A. R. R. Torres, M. E. O. Lima & M. E. Pereira (Orgs.). *Psicologia Social: Temas e Teorias* (pp. 215-239). Brasília: Tecnopolitik.
- Trindade, Z. A., Menandro, M. C. S., & Gianordoli-Nascimento, I. F. (2007). Organização e interpretação de entrevistas: uma proposta de procedimento a partir da perspectiva fenomenológica. Em M. M. P. Rodrigues & P. R. M. Menandro (Orgs.). *Lógicas Metodológicas: trajetos de pesquisa em Psicologia* (pp. 71-92). Vitória, ES: Gráfica Editora.
- Worchel, S., & Coutant, D. (2004). It Takes Two to Tango: Relating Group Identity to Individual Identity within the Framework of Group Development. Em M. B. Brener & M. Hewstone (Orgs.). *Self and social identity* (pp. 182-202). Oxford: Blackwell.

Apresentação: 21/05/2013

Aprovação: 22/07/2013